

A importância da afetividade para o aspecto cognitivo dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Maria da Consolação Brant

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)

Edite da Glória Amorim Guimarães

Professora orientadora.

Mestre em Educação pela UFU e Professora do Curso de Pedagogia (UNIPAM)

Resumo: Esta investigação tem como escopo realizar algumas reflexões sobre a postura de educadores, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na relação professor/aluno na sua prática pedagógica, para responder as questões como: por que o aluno tem medo de fazer perguntas ao professor? Por que a presença do professor, por vezes, causa embaraço na aprendizagem do aluno? Por que o aluno encontra empecilhos no seu processo de aprendizagem? Assim, optamos por realizar esta pesquisa, com o intuito de encontrar respostas para as questões postas e contribuir com o professor na sua prática pedagógica, evidenciando o aspecto afetivo nas relações interpessoais, na sala de aula. Com esta investigação buscamos elucidar como o cotidiano da sala de aula e suas nuances interferem na aprendizagem de modo positivo ou negativo. A relação professor/aluno, quando se dá de forma negativa, pode causar bloqueios ao discente no processo ensino/aprendizagem e, portanto, aversão à escola e aos conteúdos das disciplinas. A metodologia utilizada nesta pesquisa é a bibliográfica, além da pesquisa de campo, em que aplicamos um questionário a 10 (dez) educadores de uma escola da rede pública de ensino. Para facilitar a coleta de dados, optamos por inserir no questionário questões objetivas. Na pesquisa bibliográfica, utilizamos autores como Wallon, Saltini, Chalita, Freire, Ribeiro, Tissato e outros, que subsidiam o aspecto teórico da investigação sobre a afetividade e sua importância para que a aprendizagem escolar ocorra de modo eficiente e eficaz para o aluno, tendo o professor como um mediador neste processo. Pretendemos com os resultados alcançados conscientizar os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre a importância do aspecto afetivo para a dimensão cognitiva do aluno.

Palavras-chave: afetividade; professor-aluno; afeto; emoção; aprendizagem

Abstract: This investigation aims at thinking about the attitude of educators of High School, considering the relation between teacher and student in the pedagogical practice, so as to answer questions such as: Why is the student afraid to make questions to his teacher? Why does the teacher's presence sometimes brings embarrassment to the student's learning? Why does the student find impediments in his process of learning? This way, we decided to do this research to find answers to all these matters and contribute to the pedagogical practice, evidencing the affective aspect in the interpersonal relations in the classroom. With this research, we tried to clarify how the everyday life in the classroom and its nuances interfere in the pro-

cess of learning in a positive or negative way. The relation between teacher and student, when it comes in a negative way, may bring obstacles to the student in the process teaching/ learning, and consequently, some kind of hatred to school and to the contents of the disciplines. The methodology used in this research is bibliographic, besides a field research, in which we applied a questionnaire to 10 educators of a public school. To as to make easier the collect of the data, we opted to insert objective points in the questionnaire. In the bibliographic research, we used writers such as Wallon, Saltini, Chalita, Freire, Ribeiro, Tissato and others, that help to support the theoretical aspect of the investigation about the affectivity and its importance, so the school learning way happen in an efficient and efficacious way for the student, being the teacher a mediator in this process. With the results, we intent to aware the teachers of high schools about the importance of the affective aspect in the cognitive dimension of the students.

Keywords: affectivity; teacher-student; friendship; emotion; learning.

Considerações iniciais

Falar sobre a afetividade na relação interpessoal educador/educando é fundamental para o processo de ensino aprendizagem e relevante para que o aluno consiga um bom desempenho no seu desenvolvimento.

No dicionário *Aurélio*, a afetividade é definida como um “conjunto de fenômenos psíquicos que manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza” (FERREIRA, 1994-1995, p. 21). Alguns autores como Saltini (1999, p. 19) definem a afetividade como “atitudes, valores, comportamentos moral e ético, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento social, motivação, interesse e atribuição, ternura, empatia, sentimentos e emoções”.

Diante das definições citadas, podemos verificar que a afetividade pode ser demonstrada por meio de manifestações que envolvem emoções, sentimentos e paixões da vida afetiva. Faz-se necessário, então, que os professores propiciem um clima de cordialidade e respeito mútuo, para que, desta forma, os alunos tenham autoestima e obtenham resultado positivo no aspecto cognitivo na escola e fora dela.

Acredita-se que, ainda hoje, muitos educadores não percebem a importância da afetividade em sua prática pedagógica, levando em consideração somente a transmissão de conteúdos. Entretanto, sabemos que a educação está além do aspecto cognitivo. Sabe-se que existem muitas formas de ensinar, pois “o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor” (CHALITA, 2001, p. 11).

Assim, o interesse em pesquisar sobre o tema da afetividade surgiu diante da relação de minhas filhas com algumas professoras, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (muitas vezes percebi a falta de interesse e de prazer delas ao frequentarem as aulas), e também por intermédio das aulas de Estágio Supervisionado que realizei, quando percebi a falta de motivação dos alunos em sala de aula.

Desse modo, um professor, ao estar em seu ambiente de trabalho, deve conhecer suas funções e levar em consideração a importância de ser simpático, sensível e

amigo de seus alunos. Motivando-os assim, com certeza os conduzirá a vencer obstáculos e desafios além de avançar em suas curiosidades.

Portanto, um professor deverá não só passar conhecimentos, mas também conseguir despertar interesses e a atenção das crianças. Para isso acontecer, é preciso que o educador pense em algo que estimule e facilite a aprendizagem. Conforme Ribeiro, “os alunos aprendem melhor quando são estimulados pelos professores a construir seu próprio conhecimento; portanto, lembre-se: aprender é adquirir novas formas de ação, é evoluir” (2002, p. 45).

Dessa forma, a importância de se trabalhar a afetividade reside no fato de que a escola deve ser um espaço onde se constroem relações humanas, mesmo sabendo que tem sua função apenas de ensinar conteúdos e de ajudar na formação de cidadãos. É importante que a instituição se preocupe com o tema da afetividade para que, assim, a relação entre mestre e aprendiz aconteça em um ambiente de harmonia, e para que a aprendizagem, desse modo, possa fluir com mais facilidade, pensando-se que o desenvolvimento do aluno e a interação com os pais e professores podem facilitar no processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, Dantas, La Taille e Oliveira afirmam:

O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e razão está ao seu serviço (1992, p. 65).

Essa investigação realizou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica para a compreensão da importância da afetividade na relação professor-aluno em seu processo de ensino. Além do mais, foi elaborado um questionário com cinco questões objetivas, aplicado a dez educadores de uma escola, da rede pública de ensino de Patos de Minas.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo conscientizar os educadores sobre a importância do afeto e do amor para o ato de educar, considerando-os elementos marcantes na relação pedagógica e na vida do ser humano.

É importante mencionar o quanto o mundo de hoje está globalizado, o que tem levado as pessoas a enfrentar sérios problemas como a questão cultural, a tecnologia, os problemas financeiros, a separações de pais, e muitos outros, o que acaba refletindo nas crianças, causando transtornos e prejudicando-as em seu meio escolar.

Faz-se importante então o conhecimento por parte do professor das dificuldades de aprendizagem do aluno, podendo elas estar relacionadas ou não com a emoção. Acreditamos que a afetividade é o caminho para se obter bons resultados tanto no desenvolvimento emocional quanto social do educando. Para tanto, um professor precisa saber lidar com situações imprevisíveis, que poderão surgir com a criança.

Assim, para exercer sua função, é preciso que o professor não se preocupe apenas com o conhecimento através de informação, mas também com as necessidades de cada aluno, ou seja, com seus sentimentos, como amor, afeto e motivação, para que assim o aluno sinta desejo de “aprender”. “Um professor que faz a experiência de ser

acolhido, na sua integridade, com o que é como ser humano, dará novo brilho ao seu campo de atuação” (TISSATO, 2002, p. 42). Para Wallon, “o desenvolvimento da pessoa é uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade” (1995, p. 43).

Portanto, a maneira que cada um sente suas emoções é extremamente pessoal, e deve ser levada em conta a experiência de vida social e familiar que cada um tem. A escola, representada pelo professor, deve compreender o aluno em seu universo, o que é de grande eficácia para seu trabalho como educador.

Na perspectiva de Wallon, (1995, p. 43-44), há cinco estágios de desenvolvimento do ser humano:

- Impulsivo-emocional, que abrange o primeiro ano de vida: a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê, as pessoas, as quais intercedem na sua relação com o mundo físico;
- Sensório-motor e projetivo, que vai até o terceiro ano: o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilita-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração de espaços, e outro marco fundamental é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem;
- Personalismo, que ocorre dos três aos seis anos, em que a criança forma sua personalidade: a construção da consciência de si dá-se por meio das interações sociais, reorientando o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas;
- Categorical: por volta dos seis anos, os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior.

Dessa forma, é importante a relação entre os atores escolares para a formação integral do sujeito, pois muitos alunos, quando vão à escola, levam problemas que são detectados pelo professor, antes mesmo que na própria família. Contudo, muitas vezes são constatados, condenados ou esquecidos, rapidamente, em função do conhecimento formal, do currículo escolar, não se determinando tempo para o trabalho com a dimensão afetiva do(a) aluno(a).

Segundo Chalita, “é importante que o professor tenha entusiasmo, paixão, que vibre com as conquistas de cada um de seus alunos, não discrimine ninguém, não se mostre mais próximo de alguns alunos, deixando os outros a deriva” (2001, p. 177). Para o autor, o professor que se busca construir é aquele que consegue de verdade ser um educador, que conhece o universo do educando, que tenha bom senso, que permita e proporcione o desenvolvimento da autonomia de seus alunos. De acordo com Silva,

a escola comete erros porque desconhece as características do funcionamento da mente humana em suas fases de desenvolvimento; erra por não conhecer conteúdos culturais

que possam contextualizar concretamente os alunos, e erra ainda, por desconhecer as histórias de vida de cada um (2002, p. 57).

A partir desses conceitos, é preciso que a educação brasileira aponte para políticas públicas que tenham como meta uma escola de qualidade para todos. Contudo, percebemos que além dos conteúdos ministrados, para uma educação de qualidade, o professor deve estar consciente do seu papel na relação professor/aluno, bem como dos aspectos afetivos para a formação de um cidadão que se relaciona e interaja com os outros. A afetividade é um sentimento gerador de energia que envolve as crianças desde seu nascimento, influenciando em seu processo de aprender, e assim, em sua formação.

Nesse sentido, o professor deve acolher seu aluno, e isto é uma habilidade fundamental no que se refere às relações humanas. Para que isso ocorra, é preciso que o professor mude sua postura no ato de educar, tendo clareza de que ensinar é um gesto que deve ser aplicado através de atos como direcionar, oportunizar, orientar, motivar e construir conhecimentos. Deve, também, o educador levar em consideração o importante desejo do aluno de se autodescobrir para aprender, fator imprescindível no início de sua aprendizagem significativa. Com isso, promoverá o desenvolvimento equilibrado dos recursos da inteligência que o aluno tem e não apenas da memória. Acerca desse assunto, Masseto (*apud* Kullok) afirma que

quando pensamos em ensinar, as idéias associativas nos levam a instruir, a comunicar conhecimentos ou habilidades, fazer, saber mostrar, guiar, orientar, dirigir ações de um professor que aparece como agente principal e responsável pelo ensino (2002, p. 10).

Assim, sabemos que para ocorrer a aprendizagem, é preciso que seja em uma relação de amizade, solidariedade e respeito mútuo entre professor e aluno. É preciso que a afetividade esteja presente em cada momento, nesse processo, para que possa promover o desenvolvimento integral e harmonioso do educando, para assim, facilitar a aprendizagem através de seus conhecimentos.

Além do mais, enfatizando a ideia da importância do ambiente escolar no processo ensino aprendizagem é que Nogueira, afirma:

[...] O ambiente escolar na sua forma mais clássica, os métodos por muitos empregados e a leitura que alguns professores fazem dos alunos como sendo uma “tabula rasa”, desprovido de origem, histórias, conhecimentos prévios e que, por consequência, está em sua sala de aula para ouvir passivamente as informações do detentor do conhecimento, são as principais fontes geradoras da desmotivação. Com estes procedimentos educacionais a possibilidade de o aluno estar ativo ao meio e a ação é totalmente coibida, e desta forma acreditamos que a única motivação intrínseca que o alunos pode ter é a de reagir não aprendendo (2001, p. 36).

Entretanto, é importante ressaltar ainda que os educadores, como profissionais

ligados à educação, atuem conscientes de seu dever, tendo em vista que sua responsabilidade se dá pelo fato de estar lidando com pessoas, exigindo por isso que o processo de ensino seja ministrado com seriedade, mas também com afetividade, por ser de suma importância nesse processo. Para Freire, ensinar é

uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade e competências. O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a paixão do conhecer que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Lidamos com gente, com criança, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-las ou prejudicamos nessa busca (2002, p. 10-11).

A afetividade é um aspecto no qual se inserem grandes manifestações que devem ser praticadas em todo lugar. No cotidiano escolar, espaço onde a criança fica maior parte de seu tempo com o professor, na maioria das vezes muitos conflitos acontecem, levando tanto o educador quanto o aluno a desajustes emocionais, como raiva, medo, desespero, angústia, insegurança. Portanto, as emoções dos alunos devem ser observadas com mais atenção. Por isso, toda criança, assim como o adulto, necessita interagir mais fortemente “um com o outro”. Deste modo, é importante entre os seres humanos uma troca de afetividade que traz grandes benefícios às pessoas, bem como contribui para que as relações interpessoais aconteçam de modo harmonioso.

Wallon afirma que, nas interações marcadas pela elevação da temperatura emocional, cabe ao professor “tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-las, invertendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade” (1995 p. 105).

Neste viés, a escola, por ser um meio social onde se constroem diferentes relações, deve propor atividades que promovam oportunidades aos alunos de questionar, fazer opções, relatar seus sentimentos positivos ou negativos.

Cabe ao professor, em seu âmbito de trabalho, propiciar ao educando situações em que ele participe ativamente das atividades e, assim, elaborar conceitos, construir valores para que possa aperfeiçoá-los a partir de seus próprios conhecimentos. Assim, por meio do diálogo do professor com o aluno, a escola será mais atuante e mais significativa na vida da criança.

É preciso também, neste momento, que a atitude do educador seja bastante equilibrada, sem autoritarismo, mas sem o professor perca sua autoridade de professor. Para Silva (1996, p. 19), para achar o meio termo entre essas posições, o professor deverá:

- Lembrar-se de que seu papel é transformar outra pessoa, mas sem moldá-la à sua própria imagem;
- ter atitudes acolhedoras;
- respeitar o aluno, estar atento ao esforço dele e cultivar sua confiança;
- relacionar-se com cada um e ao mesmo tempo com toda a turma;

- ser hábil na escolha e apresentação de atividade e envolver-se no trabalho junto com a classe;
- criar estratégias indiretas de controle;
- ter boas expectativas em relação à turma toda;
- discutir com os colegas, com o orientador e com a própria classe (desde que isso não piore as coisas) os conflitos que você tem com a turma.

Desta forma, devemos ressaltar que, no processo da relação entre sujeitos, é fundamental a busca do conhecimento, e isso só será alcançado se houver um processo em que haja interação entre professor (ensino) e aluno (aprendizado), que tem como objetivo produzir mudanças. Segundo Rogers (apud Ribeiro),

mudar o foco do ensino para a facilitação da aprendizagem, ou seja, não se preocupar tanto com as coisas que o aluno deve aprender ou com aquilo que vai ser ensinado, mas sim com o como, por que e quando aprendem os alunos, como se ouve e se sente a aprendizagem, e quais as suas conseqüências sobre a vida do aluno (2002, p. 47).

De acordo com o autor, também o professor deve buscar identificar, nos fatores implicados em cada situação, aqueles que agem como combustíveis para o agravamento da crise, tendo em vista a suscetibilidade das manifestações emocionais às reações do meio social. Acredita-se que os encaminhamentos de professor, se adequados, podem influir decisivamente sobre a redução dos efeitos desagregadores da emoção.

Contudo, muito se tem discutido hoje sobre a superficialidade das relações humanas na vida social, em que as pessoas têm cada vez mais deixado seus sentimentos de lado. O mundo hoje está dominado pelo jogo de interesses, pelo consumismo, pela luta pela sobrevivência, entre outros que têm contribuído para uma humanidade em que há falta de afeto.

Faz-se necessário, então, que o educador conheça bem seu aluno, no que diz respeito a suas inseguranças, dificuldades, bem como o contexto de vida em que ele se encontra, suas relações familiares, sua relação com os colegas, até mesmo com seu professor. “Para educar o ser humano é fundamental conhecê-lo profundamente, bem como respeitar seu desenvolvimento, tendo a percepção correta de como esse ser se desenvolve” (MENDONÇA, 2005, p. 13).

Neste sentido, um professor sensato é aquele que tem plena consciência de sua postura dentro da sala de aula, levando em consideração sua relação com o aluno. O educador deve proporcionar um ambiente harmonioso, numa relação de respeito e, assim, o desenvolvimento da criança será melhor em todos os aspectos.

Além do mais é importante também que o profissional na área da educação busque inovar sempre seus conhecimentos a partir dos já adquiridos. Então, o professor na sua prática pedagógica deve realizá-la, observando o aspecto afetivo, deixando seu aluno expor suas ideias, como forma de auxiliar na relação professor aluno e também em sua aprendizagem.

Assim, Saltini diz que “a escola deveria também saber que em função dessas articulações, a relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento” (1999, p. 20).

O autor fala também que o hábito de expor o que sentimos afetivamente nos dá condições de operar constantemente o mundo interior das fantasias e dos desejos e conseqüentemente das configurações interiores. Dessa forma, é fundamental que a escola, na figura do educador, esteja consciente da importância do desenvolvimento dos aspectos afetivos e cognitivos da criança para que, assim, seja capaz de “detectar” se o aluno tem alguma dificuldade no aspecto cognitivo ou mesmo problemas de ordem afetiva. Assim, o professor pode fazer intervenções adequadas. Sob esse enfoque é que Weil (1969, p. 74) fala que quando surgem problemas de incompreensão geral ou localizada em certa matéria, o professor tem de investigar as causas dessas insuficiências, achando caminhos para preencher as lacunas e ajudar os alunos.

Desse modo, podemos perceber que a relação afetiva tem sua relevância na interação interpessoal das pessoas, bem como do professor/aluno. Vygotsky considera a afetividade de suma importância no funcionamento psicológico do ser humano, pois o sentimento pode conduzir à aprendizagem. O professor deve ter então uma conduta que conduza seu aluno a um aprendizado que dê prazer à criança, além de despertar sua imaginação e seu gosto pelo aprender. Para Vygotsky, a aprendizagem ocorre:

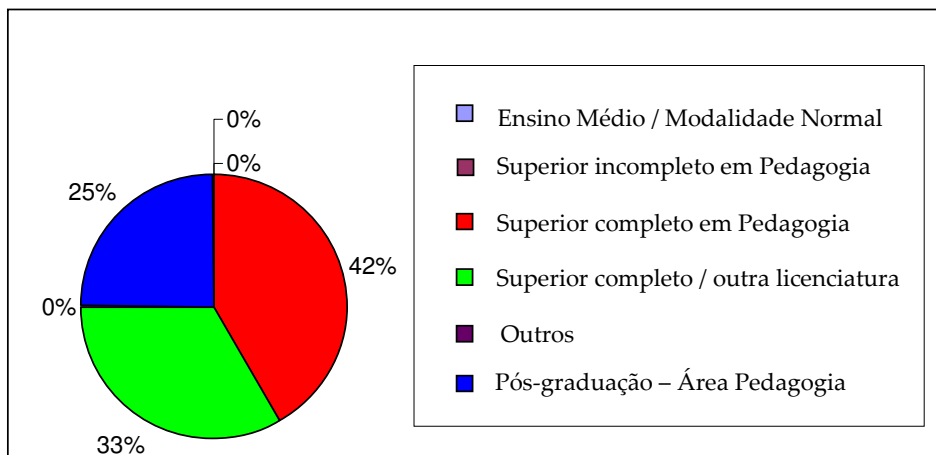
Quando associado a uma tarefa que é importante para o indivíduo, que de certo modo, tem suas raízes no centro da personalidade do indivíduo, o pensamento realista da vida, as experiências emocionais, são muito mais significativas do que a imaginação ou o devaneio (1992, p. 83).

Resultados e discussão da pesquisa de campo

O objetivo deste estudo foi suscitar a importância da relação interpessoal entre professor/aluno, bem como da influência da afetividade, como sentimento fundamental para a formação da criança no ambiente escolar e fora dele, dando ênfase especialmente na relação positiva entre mestre e aprendiz, que pode determinar o sucesso ou insucesso do educando.

Foi distribuído um questionário aos educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública, e posteriormente, procurou-se averiguar as concepções que os mesmos possuem sobre o tema em estudo.

Gráfico 1: Nível de Formação



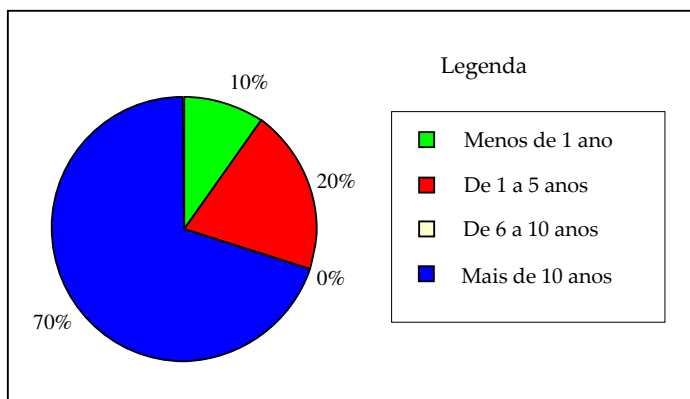
Fonte: Questionário aplicado

Inicialmente procurou-se saber sobre o nível de formação dos professores pesquisados: 42% (quarenta e dois por cento) têm curso superior completo em pedagogia; 33% (trinta e três por cento) têm superior incompleto, mas outra licenciatura; 25% (vinte e cinco por cento) fizeram pós-graduação em áreas pedagógicas. É preciso enfatizar que nesse item do questionário, alguns professores pesquisados deram mais de uma resposta.

Observou-se um nível de formação satisfatório entre os professores pesquisados, necessário para a efetivação do seu trabalho com clareza e eficiência, estando eles qualificados de acordo com as exigências da Lei de Diretrizes e Bases LDB n.9394/96 no título VI que regulamenta em seu artigo 62 que

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura de graduação plena, em universidades e instituições superiores de educação. Será admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (Brasil, 1996, p. 22).

Gráfico 2: Tempo de atuação profissional

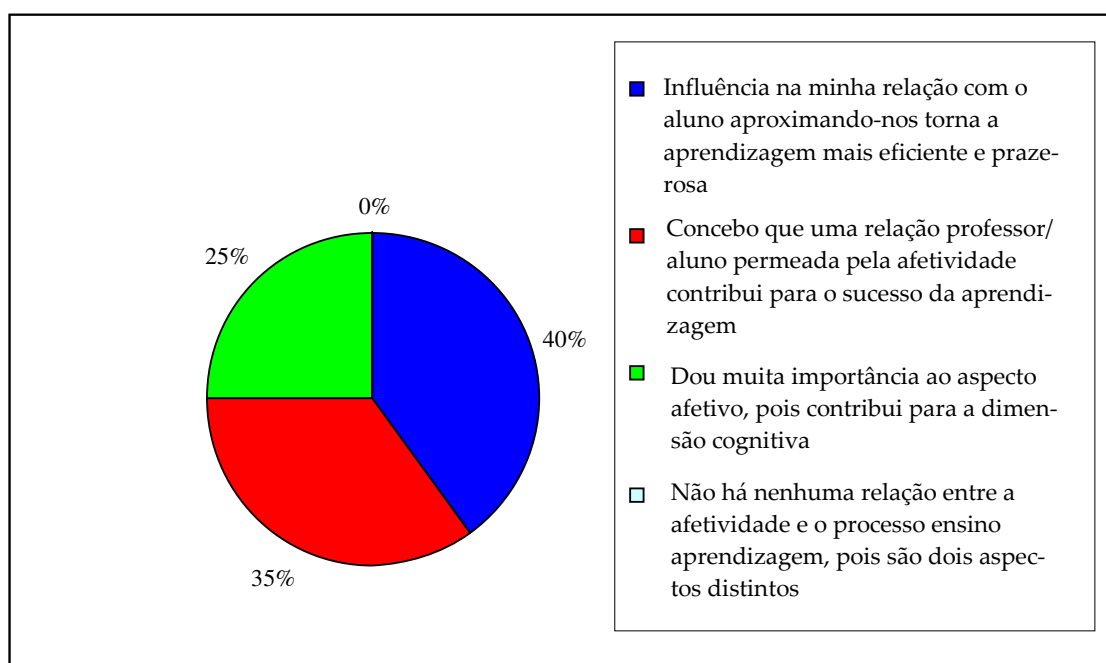


Fonte: Questionário aplicado

Quanto ao tempo de atuação profissional dos professores entrevistados, 70% (setenta por cento) já atuam na educação há mais de 10 anos; 20% (vinte por cento) dos entrevistados trabalha entre 1 a 5 anos; e 10% (dez por cento) há menos de 1 ano.

Analisando o perfil dos sujeitos consultados, percebeu-se pela qualificação e experiência dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental que o trabalho realizado em sala de aula está sendo levado à sério. O tempo de regência das mesmas remete à ideia de que elas têm uma experiência ampla na condição do processo ensino-aprendizagem.

Gráfico 3: Importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem



Fonte: Questionários aplicados

Foi questionado aos educadores pesquisados sobre a importância da afetividade no processo ensino aprendizagem: 40% (quarenta por cento) acreditam que existe influência na sua relação com o aluno, o que facilita a aproximação e torna a aprendizagem mais eficiente e prazerosa; 35% (trinta e cinco por cento) afirmaram que uma relação professor/aluno permeada pela afetividade contribui para o sucesso da aprendizagem; 25% (vinte e cinco por cento) afirmaram dar muita importância ao aspecto afetivo, pois ele contribui para a dimensão cognitiva.

É importante lembrar que nesse item nenhum educador escolheu a opção que afirma que a afetividade e a aprendizagem são aspectos distintos. Diante disso, pode-se inferir que os professores pesquisados reconhecem a importância do vínculo afetivo, sendo necessário para que ocorra o interesse e prazer pelo aprender. “Crianças com bom relacionamento afetivo são mais seguras, mais interessadas pela realidade e pelo aprender. Sentem-se mais felizes na escola” (CARRACA, 2005, p. 19).

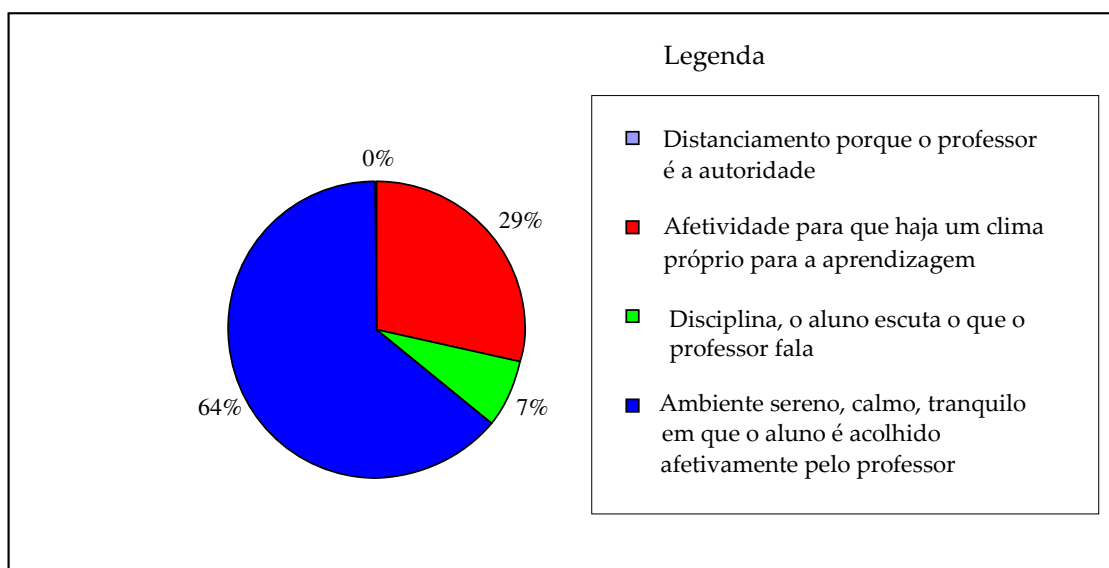
O papel do professor é de suma importância no que se refere ao processo de en-

sino do aluno, mas é preciso que o educador introduza nessa relação um pouco de amor, dedicação e respeito, aspectos estes que auxiliam no desempenho escolar e na vida da criança. Nesta perspectiva é que Chalita (2001, p. 248) afirma:

Os alunos precisam de afeto. E só há educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O professor que apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto, de atenção. A família cada vez mais distribuída gera filhos, ainda mais complicados, tristes, ressequidos, carentes de um mestre que estenda a mão e não tenha medo de dar amor. Não se quer com isso desprezar a importância dos pais, nem tentar cobrir sua ausência e indiferença na vida dos filhos. Entretanto, como não dá para reclamar apenas, alguma coisa precisa ser feita, que o professor minimize esse sofrimento e auxilie o desenvolvimento harmônico do aluno.

Desse modo, todo educador deve reconhecer a importância de sua postura no ambiente escolar, na tarefa de educar, levando em consideração a “afetividade” tão fundamental na formação humana.

Gráfico 4: Opinião sobre o principal aspecto na relação professor/aluno



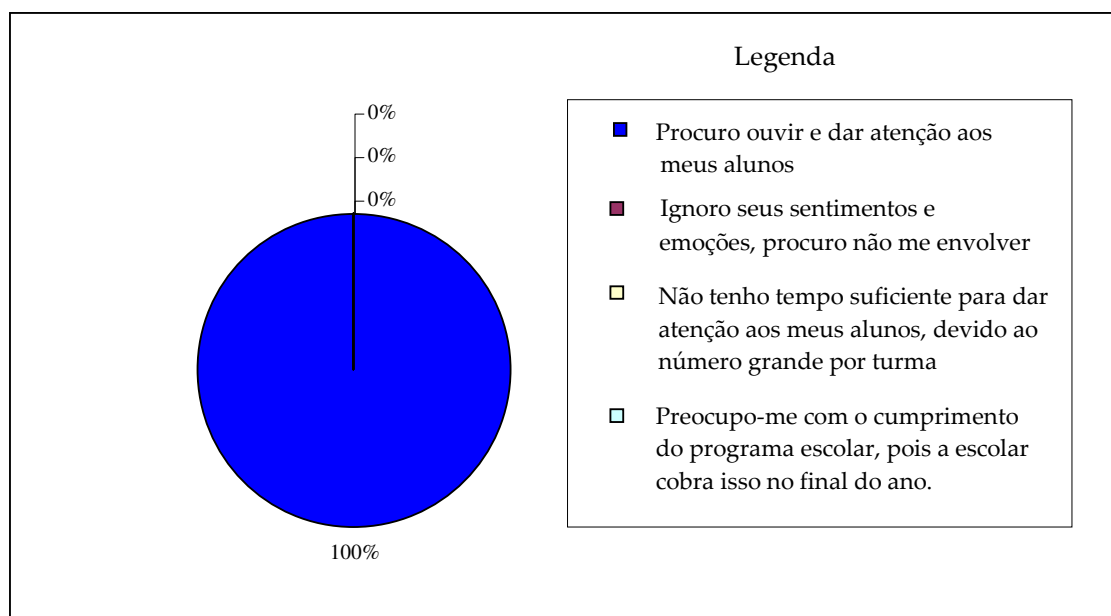
Fonte: Questionários aplicados

Quanto à opinião dos educadores sobre o principal aspecto na relação professor/aluno: 64% (sessenta e quatro por cento) dos educadores afirmaram que é necessário um ambiente sereno, calmo, tranquilo, em que o aluno é acolhido afetivamente pelo professor; 29% (vinte e nove por cento) dos entrevistados disseram que é preciso afetividade para que haja um clima próprio para a aprendizagem acontecer; já 7% (sete por cento) dos sujeitos pesquisados acreditam que é necessária a disciplina, pois assim o

aprendiz escuta o que o mestre fala. Nesse item, os educadores escolheram mais de uma opção.

Segundo Cury (2003, p. 125), “a sala de aula não é um exército de pessoas caladas nem um teatro onde o professor é o único ator e os alunos, espectadores passivos. Todos são atores da educação. A educação deve ser participada”. Nesta condição, o papel que o educador desempenha na educação interfere na formação social, emocional e cultural do aluno. Assim é preciso que o professor estabeleça um bom relacionamento com a criança, possibilitando oportunidades de ter melhores condições na aprendizagem.

Gráfico 5: Forma de lidar com as emoções dos alunos em sala de aula (raiva, alegria, satisfação, tristeza, etc)



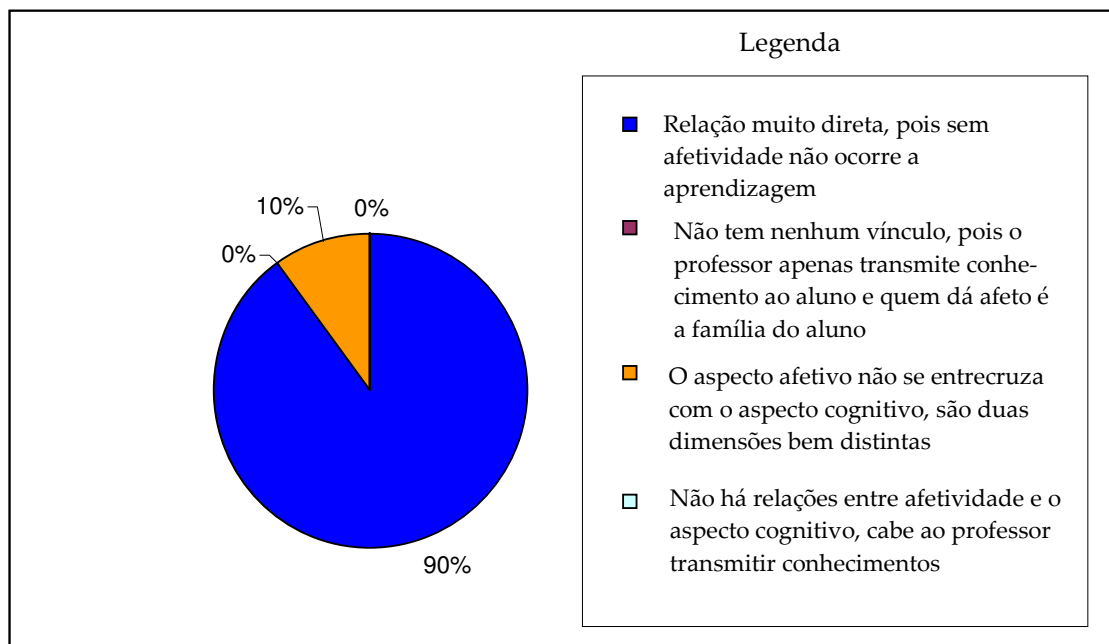
Fonte: Questionários aplicados

Quando questionados sobre a forma de lidar com as emoções dos alunos em sala de aula, todos os professores pesquisados, ou seja, 100% (cem por cento) responderam que procuram ouvir e dar atenção aos seus alunos. Com base nas respostas, podemos concluir que os educadores são conscientes da importância de deixar que seus alunos expressem suas ideias e emoções, para que assim a criança se sinta importante, elevando sua autoestima, e que o educador esteja também sempre atento em seu aluno, pronto para ouvir suas carências, auxiliando-o assim no processo de ensino e em sua vida pessoal.

O educador não pode ser aquele individuo que fala horas a fio a seu aluno, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade

que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar idéias e colocá-las ao serviço de sua vida (SALTINI, 1999, p. 60).

Gráfico 6: Opinião dos pesquisados sobre a relação entre afetividade e cognição



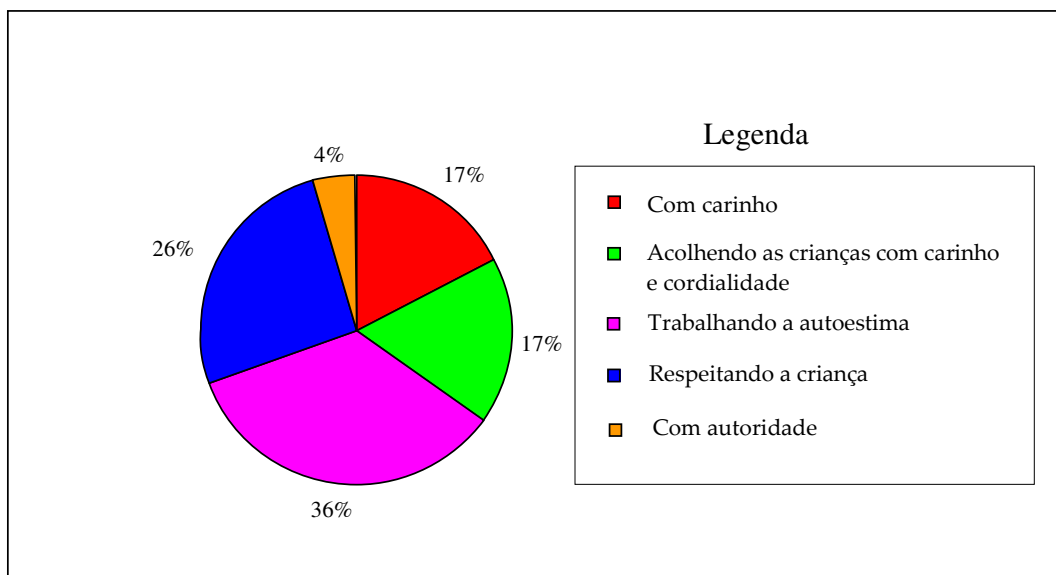
Fonte: Questionários aplicados

A opinião dos educadores sobre a relação entre afetividade e cognição foi que 90% (noventa por cento) dos entrevistados afirmaram que existe uma relação muito direta, pois sem afetividade não ocorre a aprendizagem de forma eficaz; 10% (dez por cento) disseram que o aspecto afetivo não se entrecruza com o aspecto cognitivo, pois são duas dimensões bem distintas.

O aspecto cognitivo das condutas consiste na sua estruturação e o aspecto afetivo na sua energética. Esses dois aspectos são, ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares, não é, portanto, muito para admirar que se encontre um notável paralelismo entre as suas respectivas evoluções (PIAGET, 1997).

Fica evidente então a importante presença do afeto no que se refere ao funcionamento da inteligência, pois sabemos que sem afetividade, o aluno acaba perdendo o interesse, a motivação pelo aprender.

Gráfico 7: Forma de trabalhar a prática pedagógica envolvendo o aluno afetivamente



Fonte: Questionários aplicados

Questionou-se aos discentes sobre a forma de trabalhar a prática pedagógica, envolvendo o aluno afetivamente: 36% (trinta e seis por cento) dos educadores acreditam que trabalhando a autoestima da criança, haverá uma relação positiva com o aprender, o que deve favorecer sua aprendizagem; 26% (vinte e seis por cento) dos entrevistados disseram que respeitam a criança no seu desenvolvimento da aprendizagem; 17% (dezessete por cento) dos sujeitos pesquisados disseram acolher seu aluno com carinho e cordialidade; 17% (dezessete por cento) dos professores disseram que em sua prática pedagógica é trabalhada sempre com carinho; 4% (quatro por cento) dos docentes entrevistados acreditam na importância da autoridade em sala de aula e não exercem uma relação afetiva com as crianças, embora isso seja necessário para o processo de ensino e o rendimento escolar do aluno, já que uma criança, com a autoestima elevada, acaba por um desenvolvimento mais saudável, o que reflete, assim, em seu ensino. Libâneo fala que

a motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e de disciplina (1992, p. 253).

Nessa perspectiva, acredita-se que é papel do professor motivar seus alunos rumo a uma aprendizagem que dê interesse e prazer em aprender. O professor deve saber também que em função disso precisa criar condições, deixando que o aluno se expresse, como forma de elevar sua autoestima.

Considerações finais

“Um ambiente de serenidade, bem-estar e limpeza moral favorece a educação de crianças e jovens, permite gerar energias que proporcionem à mente melhores condições para o desenvolvimento do ser, estimulando o pensar e o sentir consciente” (MORAIS, 2008, p. 24). Levando em consideração a grande importância do ambiente escolar para a formação das crianças é que realizamos uma pesquisa sobre a relevância da afetividade na relação professor/aluno. Assim, a falta da prática desse sentimento pode levar a vários prejuízos tanto para a criança quanto para o educador, podendo influenciar na aprendizagem, na autoestima e em outros fatores que envolvem principalmente o desenvolvimento do aluno.

Entretanto, é preciso que todo educador, sendo ele o que mais tempo fica próximo do aluno, esteja atento ao seu comportamento, quando muitas vezes a criança leva consigo problemas de sua vivência familiar, o que acaba refletindo negativamente em sua educação e na relação com os colegas e professor. De acordo com Chardelli (2000),

a todo momento a escola recebe crianças com auto-estima baixa, dificuldades em aprender ou se entrosar com os coleguinhas, e as rotulamos de complicados, sem limites ou sem educação e não nos colocamos diante delas a seu favor, não compactamos e nem nos aliamos a elas, não as tocamos e muito menor conseguimos entender o verdadeiro motivo que as deixou assim. A escola facilita o papel da educação nos tempos atuais que seria construir pessoas plenas priorizando o ser e não o ter, levando o aluno a ser crítico e construir seu caminho. (Psicopedagogia on line/artigo).

O professor, muitas vezes, por não saber lidar com estas situações, acaba tendo atitudes como autoritarismo, inimizade e total desinteresse em entender tais comportamentos dos alunos. Isto significa, portanto, que a ação educativa teve penetrar no mundo interno de cada criança e intervir em suas relações pessoais, para que possa conduzir o aluno a uma aprendizagem com segurança, com interesse e prazer, contribuindo ainda para desenvolvimento escolar. Sob essa perspectiva, Barbosa fala que

não se trata de afirmar que a escola seja a solução para todas as dificuldades existentes do ser humano, porém, espera-se que, como órgão educacional que é, tem como função principal o auxílio na formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico. Deve, portanto, nesse sentido, ressaltar aos seus educadores que a afetividade é uma atitude que abrange algo além de um simples momento de atenção e de desvelo. Representa, sobretudo, uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e comprometimento (2006, p. 13-14).

Diante do exposto, é essencial que o educador proporcione situações de diálogo com seus alunos. Nesse sentido, cabe ao professor não ser somente instrutor, mas também um pesquisador das frustrações, vontades e ideias de seu aluno.

O resultado desta pesquisa nos mostra que os educadores compreendem a afetividade como um importante aspecto que deve ser desenvolvido com os alunos para que a aprendizagem ocorra com base no interesse e na motivação pelo aprender. A chave de ouro na educação [...] consiste em trabalhar com os sentimentos da criança, em apelar para sua fantasia criadora e em aumentar essas forças com imagem que as fecundem e elevem [...] (LANZ, 1979, p. 44).

É importante ressaltar que o educador deve ter uma postura equilibrada, criando em seu ambiente de trabalho, climas acolhedores de prazer, amizade e companheirismo, mas sem perder o seu papel de educador.

Constata-se por meio dos dados coletados e analisados do referido estudo que a afetividade no ambiente escolar é importante para o desenvolvimento e para o sucesso da aprendizagem do aluno.

Referências

BARBOSA, Eduardo Fernandes. *Elementos básicos da pedagogia logosófica: uma concepção de educação baseada no conhecimento de si mesmo*. São Paulo: Editora Logosófica, 2008.

BARBOSA, Viviane Amaral. *As relações afetivas entre crianças e professoras*. Monografia apresentada ao UNIPAM. Patos de Minas, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96*. Brasília MEC/SEF, 1996.

CARRACA, João Alfredo. *Pedagogia da afetividade: uma educação para a felicidade*. Disponível em <<http://www.linhadireta.com.br>>. Acesso em 20/10/2008.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. 8 ed. São Paulo: gente, 2001.

CURY, A. J. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. 3 ed. Rio de Janeiro: sextante, 2003.

DANTAS, Heloisa; LA TAILLE, Ives de; OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Piaget, Vigostsk, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. Trad Marta Kohol de Oliveira e Heloisa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira. (fascículos folha de São Paulo), 1994/1995.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 11 ed. São Paulo: Olhos D'Água, 2002.

KULLOH, Maisa Gomes Brandão. *Relação professor/aluno: contribuição à prática pedagógica*. Maceió: Edufal, 2002.

LANZ, Rudolf. *A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Summus, 1979.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.

MENDONÇA, Mônica Marques. *A importância da afetividade na relação professor/aluno*. 2005, 36p. Monografia (graduação em Pedagogia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas, Centro Universitário de Patos de Minas.

MORAIS, Juliana Zaroni Rabelo. Elementos básicos da pedagogia Logosófica. *A Importância do ambiente escolar na formação da criança e do jovem*. São Paulo: Editora Logosófica, 2008.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. *Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências*. São Paulo: Erica, 2001.

PIAGET, Jean. *A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. [1997] Traduzido por Magda Medeiros Schu. Disponível em http://www.ufrgs.br/faced/edu01136/piaget_a.htm. Acesso: 18/10/2008.

RIBEIRO, José Geraldo Gomes da Cruz. *Relação professor/aluno: contribuição à prática pedagógica*. Maceió: Edufal, 2002.

RIBEIRO, Marcos Aurélio de Patrício. *Papel do professor: procedimentos para democratizar o processo educativo em sala de aula*. *Revista do Professor*. Porto Alegre, 2002.

RODRIGUES, Mônica D. et all. *A importância da afetividade no desenvolvimento segundo Pestalozzi*. Disponível em: www.cpge.aedb.br/arquivos/normal/monicarodrigues.pdf Acesso:18/10/2008.

SALTINI, Claudio J.P. *Afetividade e inteligência: a emoção na educação*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SILVA, Adriana Vera. Afetividade: será que sua classe enxerga você assim? *Revista Nova Escola*, 1996.

SILVA, Roza Maria Santos. *Relação professor/aluno: contribuição à prática pedagógica*. Maceió: Edufal, 2002.

TISSATO, Nara Lúcia. Educação e afeto: importância das relações interpessoais na orientação pedagógica. *Revista do professor*. Porto Alegre, 2002.

WALLON, Henrin. *Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

WEIL, Pierre. *A criança, o lar e a escola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp